

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Uma Medeia vingativa e arrebatadora

A dramaturgia de Eurípides é considerada a gênese do drama contemporâneo. Seus personagens, dentre os quais Medeia, defendem sua individualidade. Talvez por isso, aquela figura tenha alcançado uma repercussão tão grande entre os dramaturgos do mundo antigo, além dos gregos. Só entre os dramaturgos latinos, cerca de dez autores trouxeram à cena, sob perspectivas as mais diversas, a história da princesa da Cólquida. A versão de Sêneca é caracterizada pela ênfase na figura da mãe dolorosa, mais do que a princesa errante, que marca outros textos. Sempre houve, contudo, uma tradição de que os trabalhos de Sêneca, por sua violência naturalista exacerbada, não seriam encenáveis. Parece que o diretor Gabriel Villela não acreditou nisso e ousou concretizar a encenação deste texto. O resultado, em hora e meia de espetáculo a que assistimos no Teatro Simões Lopes Neto, é altamente impactante e inesquecível.

Para quem quiser conhecer o texto de Sêneca, com fidelidade ao original latino, sugiro o livro *Medeias latinas*, com organização, tradução e notas de Márcio Meirelles Gouvêa Junior, em edição bilíngue (Autêntica, 2014). Deve-se, antes de tudo, admirar a qualidade dramaturgical do texto: durante uma hora inteira assistimos às expressões de dor e de ódio, que provocam os desejos de vingança da personagem. Só na meia hora final as ações se precipitam: Medeia entrega aos filhos os presentes dirigidos à Princesa Creusa, nova esposa de Jasão, e ao pai da princesa, o rei Creonte. Ambos serão consumidos pelo fogo e pelos venenos impregnados nos tecidos presenteados. No segundo e mais difícil movimento, Medeia mata aos dois filhos, sendo que o segundo em presença do pai, culminando assim sua vingança. Fiel ao mito original, o que provocou uma crítica de Aristóteles ao que ele chamou de *deus ex machina*, Medeia foge num carro alado enviado pelos deuses para salvá-la.

Para realizar um espetáculo desses, um diretor de teatro precisa estar muito maduro e ter fortes convicções conceituais quanto ao que seja um espetáculo de teatro. Gabriel Villela explorou ao máximo as sugestões aterrorizantes dos textos. A cortina vermelha que esconde a cena do público traz, como se dependurado do teto, um enorme morcego, evidente referência a Medeia, mas também aos filmes de terror. Medeia é uma bebedora de sangue, como os morcegos hematófagos - mas, sendo bruxa, ela não o faz como vampiro, mas simbolicamente, destruindo seus inimigos.

O espetáculo de Gabriel Villela é um projeto absolutamente pessoal: ele assina direção e figurinos, com cenografia de J. C. Serroni. Quando a cortina se abriu, pensei estar diante de um espetáculo de teatro japonês; depois, era como se tivéssemos porcelanas chinesas gigantescas; mas as máscaras podiam remeter ao próprio teatro grego, ainda que as palhas e coloridos múltiplos fossem referências à arte indígena brasileira. O colorido é esfuziante, mas sempre sob a tutela do vermelho, típico dos crimes de sangue.

A tríade que personifica Medeia é outra ideia surpreendente: Rosana Stavis e Mariana Muniz, e depois Walderez de Barros, cada uma enriquece a nuance da Medeia. Aliás, a coragem de trazer Walderez à boca de cena para, sentada de óculos diante de uma mesa de trabalho, ler o longo texto de que a encarregaram, e acabar aplaudida em cena aberta, é daqueles milagres de emoção que só o teatro possibilita.

A trilha sonora de Carlos Zimble e a iluminação de Wagner Freire arrematam o arrebatador projeto, que deixou a todos boquiabertos: raras vezes vi, no teatro, uma plateia tão emocionada e tão surpreendida. O que mais ouvi foi a pergunta: o que é isso?! É simples: isso é teatro, e Gabriel Villela mostrou que é um extraordinário diretor de teatro. Sêneca teria gostado muito de ver seu texto assim valorizado.

Há uma tradição de que Sêneca, por sua violência naturalista, não seria encenável. Gabriel Villela não parece acreditar nisso

acontece

Último EP do Sepultura, *The Cloud of Unknowing* traz lenda do metal bem longe da decadência

Igor Natusch

Lançado em meio aos últimos movimentos da turnê de despedida do Sepultura, *The Cloud of Unknowing* é um EP que cumpre uma série de funções. É, por exemplo, a única chance de ouvir, em estúdio, o baterista Greyson Nekrutman ao lado de Andreas Kisser (guitarra), Paulo Jr. (baixo) e Derrick Green (voz), que carregam juntos a bandeira do conjunto há quase 30 dos mais de 40 anos de banda. Serve igualmente como uma derradeira (embora curta) declaração musical de um fenômeno que, nascido no Brasil, mudou os rumos do heavy metal em todo o mundo. E também demonstra que o momento de renovada criatividade da banda - que alcançou o auge com o excelente *Quadra* (2020), um dos melhores trabalhos de toda a história do grupo - se mantém forte, coerente com a visão de quem escolhe deixar os palcos antes de ser engolido pelo decadência.

As quatro músicas de *The Cloud of Unknowing* expressam, com bastante clareza, a sensação de liberdade e o descompromisso sadio de uma banda que, contemplando o próprio fim, simplesmente faz o que dá na telha. *All Souls Rising* abre o trabalho de forma emblemática: começa de forma súbita e absolutamente brutal (remetendo, inclusive, ao proto-death metal dos tempos de *Morbid Visions*, de 1985) e, menos de 30 segundos depois, quebra subitamente em arranjos orquestrais, conduzidos por uma batida de bateria *mezzo jazzística*, *mezzo marcial*. É quase como se, com menos de um minuto de música, o Sepultura estivesse dizendo: saímos de lá, chegamos aqui, e fizemos de tudo pelo meio do caminho. Ao final da faixa (cujas partes são amarradas por um refrão perfeitamente 'cantável', embora para lá de agressivo), o saldo é bastante positivo, e não é de se duvidar que *All Souls Rising* seja devidamente acrescentada aos derradeiros shows da *tour*.

A disposição do Sepultura em desafiar a si mesmo é elogiável, mas nem sempre funciona plenamente. A balada *Beyond the Dream* (única canção do tipo em todo o repertório da banda) não é ruim, e dá a Derrick Green uma rara

chance de mostrar que sua voz limpa funciona bastante bem. Mas a nítida sensação é de que a canção saiu do forno antes da hora, soando genérica e talvez um pouco curta para levar a ideia que a origina às últimas consequências. *Sacred Books* também parece ter uma duração menor do que a soma de suas ideias permitiria, embora por motivos diferentes: não bastasse a inventividade dos arranjos (tem até um solo de piano no meio do caminho), é a faixa na qual Greyson Nekrutman mais se permite explorar suas influências de jazz, com resultados tão interessantes que a gente fica querendo que a quebradeira durasse um pouquinho mais.

O EP se encerra com *The Place*, que trabalha os elementos típicos do som do Sepultura a partir de uma perspectiva quase progressiva. A combinação pode parecer esquisita, mas funciona bem melhor ouvida do que descrita em texto: o clima é ao mesmo tempo incômodo e envolvente, como se estivéssemos entrando em uma casa noturna suja, barulhenta e sombria, mas estranhamente acolhedora. Talvez seja a sensação de entender que o nosso

lugar está no fora do comum, vai saber. Seja como for, é uma canção poderosa - e, se for mesmo a última do repertório do Sepultura, terá sido uma forma bastante adequada de encerrar o legado de semelhante instituição metálica.

Turnês de despedida são um conceito meio fluido no mundo do rock pesado, e exemplos de bandas que desistiram do adeus no meio do caminho não nos faltam. Por enquanto, o Sepultura se mantém convicto na ideia de encerrar atividades - mas a verdade é que nunca se sabe, e não é nada impossível que a banda siga ativa de uma forma ou de outra, agora mesmo ou em um futuro não muito distante. Seja como for, há muito de respeitável em ver uma banda decidindo os limites do próprio legado, e *The Cloud of Unknowing* demonstra que a escolha pelo fim nada tem a ver com comodismo ou falta do que dizer. Além de servir como boa desculpa, caso mudem de ideia: se for para seguir entregando música desse calibre, podem cancelar o adeus, que a gente aceita sem reclamar.

